



13/10/2014 7:00

Aos mestres

Histórias de dois professores que transformaram a trajetória de vida de seus alunos

Desde 2004, centenas de alunos são premiados anualmente na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (Obmep). Como era de se esperar numa competição que envolve 19 milhões de estudantes, em todas as escolas participantes existem jovens com maior aptidão para a matemática, com mais chances de conquistar uma medalha, e outros que, apesar do esforço, dificilmente serão laureados.

Nesses dez anos, no entanto, os organizadores da Obmep identificaram colégios que fugiam do padrão por ter, em todas as edições, um alto número de estudantes premiados. Dois deles viraram referência nacional por seu bom desempenho, mesmo atendendo principalmente alunos pobres: as escolas estaduais Agostinho Brandão, em Cocal dos Alves (PI), e a Messias Pedreiro, em Uberlândia (MG). Ao analisar a razão do sucesso desses colégios, não foi surpresa constatar que lá trabalhavam professores excepcionais, que faziam muito mais por seus estudantes que simplesmente treiná-los para a competição.

Maria Botelho, de Uberlândia, é uma delas. Com 33 anos de

magistério e ainda atuando em sala de aula, mais que valorizar medalhas, ela celebra histórias de vida. Vários de seus alunos, mesmo aqueles que vinham das famílias de menor renda, ganharam bolsas de iniciação científica, ingressaram em universidades e conquistaram vagas em empresas disputadas. Alguns hoje estudam no exterior. Quando as provas da Obmep se aproximam, um grupo, que todo ano se renova, volta à escola para ajudar.

“O papel maior do professor não é ensinar, mas inspirar”, diz Botelho. Ela explica que, fazendo uso da matemática, procura desenvolver em seus alunos a habilidade de resolver problemas, e não desistir diante das primeiras dificuldades. “Aluno não gosta de errar, e muitos acham que o bom aluno é aquele que acerta tudo. Eu tento mostrar que o caminho é mais importante do que os resultados, valorizando todos que buscam melhorar, e não apenas o melhor”.

Antonio Amaral, professor da escola Agostinho Brandão, também se orgulha de ter contribuído para mudar trajetórias de vida. “Cocal dos Alves é um município muito pobre (está entre os 100 piores IDHs do país). O normal aqui sempre foi o jovem abandonar a escola antes de completar a educação básica para ir trabalhar em obra no Rio ou em São Paulo. Nosso desafio foi mostrar que havia outro caminho, através da educação. No início, foram poucos os que acreditaram. Mas quando os primeiros começaram a receber medalhas da Obmep, perceberam que isso era possível”. Pelas contas de Amaral, hoje sete em cada dez alunos que se formam na Agostinho Brandão ingressam na universidade.

No ano passado, o instituto Gallup, dos Estados Unidos, fez uma pesquisa investigando as razões para o sucesso de jovens que se destacavam em suas carreiras. A mais importante delas: quase todos os entrevistados relataram, ao longo de suas vidas, terem estudado com ao menos um ou dois professores que atuaram como mentores e os apoiaram a ir em busca de suas aspirações.

Como Maria Botelho e Antonio Amaral, há muitos professores no

Brasil que nesta semana, ao comemorarem seu dia, poderão se orgulhar da conquista do maior prêmio de suas carreiras: terem transformado vidas.